



MUNICÍPIO DA NAZARÉ
Câmara Municipal

Vossa Santidade, Papa Francisco

Santíssimo Padre,

O mundo que pisamos é cada vez mais uno. Portugal, o nosso humilde país, terá, certamente, contribuído para esse encurtar de distâncias, um encurtar que se fez também através da propagação da fé e da história milagrosa, nomeadamente do Milagre da Nossa Senhora da Nazaré.

Desde tempos imemoriais que o Culto Mariano possui grande Devoção e afeto popular na região onde hoje existe a Vila da Nazaré, Portugal, afirmando-se o culto a Nossa Senhora da Nazaré como um dos mais antigos e relevantes (pelo menos desde o séc. XII). Esta tradição remonta à própria fundação da nacionalidade portuguesa e tem origem num Milagre atribuído à Virgem Maria.

Corria o ano de 1182, a 14 de setembro, num dia de nevoeiro, quando, durante uma caçada, Dom Fuas Roupinho lançou o seu cavalo na direção de um veado. Apesar da pouca visibilidade, o Alcaide-Mor do castelo de Porto de Mós perseguiu o animal até à beira de um penhasco, só se apercebendo quase tarde demais que o animal tinha caído no abismo e que ele próprio estava na extremidade do rochedo. Nesse momento, Dom Fuas Roupinho lembrou-se da Imagem de Nossa Senhora da Nazaré com o Menino, ali perto venerada pelo povo e invocou o seu auxílio para se salvar. De imediato o cavalo parou, ficando apenas com as patas traseiras apoiadas no rochedo, permitindo, assim, que o nobre, figura importante na reconquista cristã da Península Ibérica ao tempo do primeiro Rei Português, Afonso I, se salvasse da morte certa.



Após este acontecimento, que Dom Fuas Roupinho logo atribuiu à intervenção milagrosa divina por intermediação da Virgem, foi à gruta onde estava a Imagem de Nossa Senhora, para orar e agradecer à sua Protetora, fazendo-lhe também a promessa de erigir naquele mesmo local uma Capela em Sua honra, a Ermida da Memória, que ainda hoje existe no Sítio da Nazaré.



A Lenda de Nossa Senhora da Nazaré e a história deste Milagre estão, desde há muito tempo, presentes no imaginário coletivo do povo português. Para a sua divulgação em muito contribuiu a obra do monge erudito Frei Bernardo de Brito, Cisterciense do Séc. XVI, que, na sua *Monarchia Lusitana*, associa o culto medieval à Senhora da Nazaré com o milagre a Dom Fuas Roupinho. Segundo a narrativa do autor, que rapidamente se instalou na memória de todos, a Imagem da Nossa Senhora da Nazaré é proveniente de Nazaré da Galileia, tendo sido esculpida em madeira pelo próprio São José e pintada por São Lucas.

No século IV, a Imagem encontrava-se na posse de um monge grego, Ciríaco, que a colocou sob a proteção de São Jerónimo, sendo posteriormente aconselhado por este a levá-la para África, para a entregar a Santo Agostinho, Bispo de Hipona. Foi então Santo Agostinho quem trouxe depois a Imagem para a Península Ibérica, oferecendo-a ao Mosteiro de Cauliniana, situado na região de Mérida, Espanha, tendo realizado aí muitos milagres. A Virgem de Nazaré permaneceu nesse Mosteiro até ao séc. VIII, aquando da conquista da Península Ibérica pelos Mouros.

De acordo com a tradição, após a derrota dos exércitos cristãos na Batalha de Guadalete, o último rei Visigodo, Dom Rodrigo, refugiou-se no Mosteiro de Cauliniana, fugindo depois, conjuntamente com Frei Romano, às invasões árabes, levando com eles a Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazaré e um cofre com as relíquias de São Brás e São Bartolomeu.

Dirigindo-se sempre para Ocidente, os dois chegaram finalmente ao local que é hoje a Pederneira, primeira sede de concelho da Nazaré. Daí avistaram uma ermida abandonada no monte hoje conhecido como Monte de São Brás (e/ou Monte de São Bartolomeu, pois eram de ambos as relíquias), para onde se encaminharam. Quando lá chegaram, Dom Rodrigo manifestou vontade de ali permanecer sozinho, pelo que se dirigiu então Frei Romano para o Sítio, hoje chamado Sítio da Nazaré, levando consigo a Imagem da Virgem e o cofre com as relíquias. Ao chegar ao promontório colocou a Imagem e o cofre numa reentrância da rocha.



Quando se separaram, os dois combinaram que apenas quebrariam o seu isolamento para acenderem, cada qual em seu monte e no fim de todas as tardes, uma fogueira, dando sinal um ao outro de que estavam vivos. Isto aconteceu até ao dia em que Dom Rodrigo não avistou o sinal de Frei Romano. Dom Rodrigo dirigiu-se então ao Sítio da Nazaré onde encontrou o seu amigo já morto. O Rei deu então sepultura ao corpo junto à gruta onde estava a Imagem da Senhora da Nazaré e partiu.

A Imagem permaneceu naquele local até ser encontrada, já no tempo do Rei Dom Afonso I (finais do século XII), pelo Capitão de Porto de Mós, que passou a venerar a Imagem da Virgem sempre que andava por aquela zona. Sucessivos monarcas portugueses, depois disso, homenagearam a Virgem da Nazaré, em peregrinações ou ordenando acessos, melhoramentos e ampliações do local de Devoção, que durante séculos integrou os domínios do Mosteiro de Alcobaça e ao qual afluíram, sobretudo a partir do século XVI, as romarias e círios, oriundos de todo o país em direção à Nazaré.



A história da Vila da Nazaré, hoje sede de um dos mais emblemáticos municípios portugueses, invoca múltiplos pontos de interesse e remete-nos para várias cartografias e imaginários. Para o curioso do passado, o aparecimento do Santuário, no Sítio da Nazaré, e o desenvolvimento da vila, contam uma importante parte da história de Portugal. Uma narrativa que remonta às próprias raízes da nacionalidade e à construção de um país, remetendo mesmo para a herança Visigótica, sendo uma tradição praticamente ininterrupta desde a Idade Média. Para os crentes, a construção da Nazaré é antes de mais símbolo de Fé, destino milenar de romarias, preces e promessas, ponto geográfico de mediação entre o sagrado e o profano, de caráter salvífico, onde os devotos procuram ainda alívio para as suas dores ou resolução para os seus problemas. Vasco da Gama, o Capitão-Mor descobridor do caminho marítimo para a Índia, antes de partir na sua viagem, veio em romaria à Senhora da Nazaré, pedir a sua proteção na

viagem, tendo trocado nessa ocasião a cadeia de ouro que usava sobre o gibão pelo colar de contas que pendia do pescoço da imagem da Virgem. A este colar, atribui a Devoção o milagre de ter salvo as naus da armada ao passar o Cabo das Tormentas. Vasco da Gama, no regresso da sua gloriosa viagem, veio, agradecido e devoto, oferecer à Senhora da Nazaré um rico ornamento que ainda hoje ali se guarda, ficando, desde então, o costume de virem em romagem ao santuário da imagem milagrosa, os pilotos, mestres e marinheiros das naus que da Índia e dos remotos mares do Oriente voltavam saudosos à Pátria.



A Devoção do Milagre foi-se espalhando, foi-se consolidando e a vila que é hoje da Nazaré cresceu à “sombra” desta Devoção, o mais antigo Culto Mariano português, que perdeu algum fulgor nas últimas décadas, mas que ainda continua vivo em manifestações como o Círio da Prata Grande, a maior peregrinação organizada ainda em curso em Portugal, ou o Círio de Nossa Senhora da Nazaré, na cidade de Belém do Pará, Brasil, que costuma congregar cerca de dois milhões de fiéis nas ruas de Belém do Pará, constituindo a maior manifestação católica brasileira. Esta Devoção Mariana portuguesa, de facto, tem mais fiéis hoje do outro do Atlântico, do que no seu país de origem, sendo dezenas as paróquias, círios e templos a ela dedicados no Brasil, onde também é conhecida como “Rainha da Amazónia”.

Mas, conta também outras histórias de audácia, de desafio ao mar, por destemidos pescadores de outrora, que nas suas frágeis embarcações também honravam a Virgem da Nazaré, padroeira por excelência das atividades náuticas.

Apesar de reconhecida, em particular pelas gerações mais velhas, a Devoção à Nossa Senhora da Nazaré é hoje um apontamento na perceção comum da Nazaré. Enquadra-a, é certo, mas será pouco divulgada e enaltecida considerando o seu papel na construção do Sítio da Nazaré e na disseminação de uma Fé verdadeiramente global.

A grandeza e significado histórico-cultural é de tal modo importante que, em 2013, as Festas do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, foram consideradas Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO. Esta festa, que congrega milhões de fiéis todos os anos, tem afinal o seu início no modesto lugar da Pederneira, na Nazaré, na história da viagem da Imagem da Virgem Maria da Nazaré, desde a Palestina até ao mais extremo ocidental ibérico.

O Milagre e a história associada à Nossa Senhora da Nazaré constituem um bem imaterial partilhado em vários pontos do mundo, ecuménico ainda nos dias de hoje, um património que transcende o contexto Católico e que responde a um mundo em que é

urgente a construção de redes de diálogo, do estabelecimento de pontes entre povos e até da promoção do espírito caritativo e compassivo de Maria, que também é da Nazaré. Há um caminho bem delineado entre os círios portugueses que se começaram a avolumar nos séculos XVI e XVII e a contemporaneidade massiva dos Círios brasileiros. Entre os primeiros devotos que partiram para “os Brasis”, sobretudo Jesuítas e colonos oriundos da região oeste portuguesa e um número ainda significativo de romeiros portugueses que prestam ainda culto no original Santuário na Nazaré. Todos eles são credores da mesma ideia de Esperança e Salvação que brotou do Milagre a Dom Fuas Roupinho.



Santíssimo Padre,

A pretensão de candidatar o Culto e a Devoção ao Milagre da Nossa Senhora da Nazaré a Património Cultural Imaterial da Humanidade, da UNESCO, que aqui lhe vimos anunciar, visa fortalecer a história milenar de construção de uma fé e de um lugar, uma história e uma fé feita de peregrinações que preenchem séculos e cimentam a nossa identidade Cristã. Visa, igualmente, promover a salvaguarda de uma importante herança comum e universal, para que não se perca e seja garantida a sua continuidade, através dos caminhos da fé.

Muito nos honraria, como tal, que Vossa Santidade, Papa Francisco, acarinhasse com a Sua Bênção Explícita e Pública, esta pretensão da comunidade da Nazaré e de todos os demais devotos de Nossa Senhora da Nazaré, em Portugal e no Mundo.